INSTITUTO DE HUMANIDADES - IH

ANDRESA DE ARAÚJO MACÊDO

DO CAMPO À UNIVERSIDADE: TRAJETÓRIAS DE JOVENS MULHERES NO ENSINO SUPERIOR

REDENÇÃO – CE

2019

ANDRESA DE ARAÚJO MACÊDO

DO CAMPO À UNIVERSIDADE: TRAJETÓRIAS DE JOVENS MULHERES NO ENSINO SUPERIOR

Trabalho apresentado ao curso de Bacharelado em Humanidades do Instituto de Humanidades- IH na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

Orientadora: Prof.ª Dr.ª Carla Susana Alem Abrantes.

REDENÇÃO – CE

2019

ANDRESA DE ARAÚJO MACÊDO

DO CAMPO À UNIVERSIDADE: TRAJETÓRIAS DE JOVENS MULHERES NO ENSINO SUPERIOR

Trabalho apresentado ao curso de Bacharelado em Humanidades do Instituto de Humanidades- IH na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

Orientadora: Prof.ª Dr.ª Carla Susana Alem Abrantes.

BANCA EXAMINADORA

_____

Prof.ª Dr.ª Carla Susana Alem Abrantes

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

_____

Prof.ª Dr.ª Caroline Farias Leal Mendonça

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

_____

Prof.ª Dr.ª Graziele Cristina Dainese de Lima

Universidade Federal Fluminense - UFF

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela vida, saúde, coragem e por conduzir os meus passos.

São dias difíceis, onde os meus sonhos e os de tantos outros jovens do campo estão sendo ameaçados. Foi complicado escrever esse projeto diante de um cenário político caótico em que o governo aos poucos vem retirando os direitos da população pobre. Confesso que a cada palavra escrita, o medo e a angústia me acompanhavam, pois via e vejo diariamente os meus projetos em risco. Mas saibam que vocês me encorajam e me dão forças para persistir na caminhada.

Agradeço aos meus pais, que apesar das enormes dificuldades enfrentadas, conseguiram garantir uma educação que extrapolou os parâmetros de nossa até então realidade e que sempre me apoiaram e nunca pouparam esforços para que a realização de meus sonhos pudesse ser alcançada.

Agradeço às minhas amigas e colegas que caminharam ao meu lado e me ajudaram de forma esplêndida.

Agradeço ao ex-presidente Luís Inácio Lula da Silva por não ter destruído a minha vida.

Agradeço ao meu noivo por ter me acompanhado nesses dias que não foram nada fáceis e por ter compreendido minha ausência ao longo desse período.

A minha gratidão a todas as mulheres rurais de São Bento desde as minhas antepassadas até a geração de hoje. Grata por me inspirarem nesse projeto.

Por fim, agradeço imensamente a duas professoras que contribuíram e tiveram um papel significativo durante a minha trajetória acadêmica, inclusive na realização desse projeto: as Professoras Graziele Dainese e Carla Susana.

A minha gratidão à professora Graziele Dainese por ter despertado em mim o interesse em adentrar nessa linha de pesquisa e por ter se aceito o convite de participar da banca avaliadora. Obrigada também pela compreensão e ajuda em um momento delicado em que passei na universidade, jamais irei me esquecer. À professora Carla Susana, sou muito grata por ter aceitado o convite em ser minha orientadora, obrigada pela paciência, pela atenção, pelas dicas, pelo incentivo e por me acalmar nos momentos em que a insegurança chegava. Obrigada pela compreensão e cuidado quando precisei me ausentar. Obrigada por me instigar a seguir essa pesquisa futuramente. Obrigada por compartilharem comigo os seus conhecimentos, experiências e tempo.

Agradeço também à professora Drª. Caroline Leal por aceitar o convite e participar desse momento tão importante para mim.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Foto da comunidade de São Bento, retirada no dia 14 de junho de 2019.

Sumário

1 INTRODUÇÃO 9
2 REFERENCIAL TEÓRICO 16
2.1 Definições sobre o rural 19
2.2 A juventude e sua inserção na universidade 21
3 OBJETIVOS 26
3.1 OBJETIVO GERAL 26
3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS 26
4 JUSTIFICATIVA 26
5 METODOLOGIA 29
CONSIDERAÇÕES FINAIS 38
CRONOGRAMA 39
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 40
APÊNDICE 43
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO 44

RESUMO

O presente trabalho apresenta um projeto de pesquisa cujo escopo principal é a trajetória de jovens durante a formação no ensino superior, tendo como interlocutoras mulheres estudantes da Unilab oriundas da comunidade de São Bento, localizada na zona rural do município de Redenção-CE. A pesquisa é de cunho qualitativo, onde foi utilizada como técnica entrevistas semi-estruturadas com quatro jovens com e sem filhas (os), com o propósito de compreender os fatores que mobilizam o seu ingresso na universidade, as dificuldades encontradas durante o curso, as mudanças, sejam elas no âmbito familiar e/ou social, dentre outros questionamentos. Os resultados esperados do projeto consideram também o contexto universitário onde estas jovens estão inseridas, ou seja, a Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) que desempenha um papel muito importante no Maciço de Baturité, inclusive na comunidade pesquisada, uma vez que possibilitou o acesso ao tão sonhado e desejado ensino superior.

Palavras chaves: Mulheres do Campo, Educação, Ensino Superior

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como escopo principal mostrar a relevância da inserção de jovens mulheres no ensino superior, a partir da experiência de mulheres com ou sem filhas (os) oriundas da comunidade de São Bento, Redenção - Ceará que ingressaram na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab).

Durante a construção da pesquisa volta-se o nosso olhar para essas mulheres do "campo" e busca-se entender como tiveram o acesso à educação superior, uma vez que essa presença feminina dentro do meio científico e acadêmico exigiu muita luta e resistência, frente a uma ciência que tinha um privilégio epistêmico, ou seja, em que o sujeito detentor do conhecimento era apenas o homem.

É notório que as produções científicas foram historicamente, por séculos, dominadas apenas por homens, deixando a mulher como parte oculta nessas construções de saberes. Como afirma Louro (1997, p. 17) "a segregação social e política a que as mulheres foram historicamente conduzidas tivera como consequência a sua ampla invisibilidade como sujeito inclusive como sujeito de ciência".

No entanto, vale destacar que essas posições de poder e privilégio vão para além do gênero masculino, isto é, a posição de prestígios dentro desse meio também tinha sexo, classe social e cor. Além disso, as produções científicas abarcavam apenas o que era de interesse masculino e deixavam de lado os temas de interesse do universo feminino. Mesmo quando em algumas vezes a mulher tenha foi responsável pela descoberta de novos conhecimentos, não recebeu um *status* de reconhecimento dentro desses espaços de produção legítima intelectual. Em suma, a produção de saberes se concentrava em uma visão masculina que colocava a mulher em posição inferiorizada e a via como incapaz de produzir conhecimentos, como afirma Louro (1997):

> Essa Ciência também foi feita — é indispensável reconhecer isso — por um grupo ou uma parte da humanidade. Ela foi feita pelos homens — os homens brancos ocidentais da classe dominante — os quais, supostamente, fizeram as perguntas e deram as respostas que interessavam a todas as pessoas. Possuidores de alguma capacidade "extraordinária", eles sempre "souberam" o que era importante em geral. (LOURO, 1997, p. 143)

De acordo com Louro (1997), por volta da virada do século XX, tiveram início as primeiras contestações a respeito da insatisfação das mulheres que vinham sendo discriminadas e sofriam desigualdades sociais em relação aos homens. Nesse primeiro

momento, o que se reivindicava era que essas mulheres tivessem os mesmos direitos e acesso da população masculina, como o direito ao voto e à educação, período esse que se caracterizou como “sufragismo” e a primeira onda do movimento feminista.

No final dos anos 1960, surgem outras contestações, o que vai ser denominado pela segunda onda feminista. Nesse período, segundo Louro, “[...] além das preocupações sociais e políticas, irá se voltar para as construções propriamente teóricas” (LOURO, 1997, p. 15). Somado a isso, o conceito de gênero também entra em debate, assim explica Piscitelli:

> As feministas trabalharam em várias frentes: criaram um sujeito político coletivo, as mulheres, e tentaram viabilizar estratégias para acabar com a sua subordinação. Ao mesmo tempo, procuraram ferramentas teóricas para explicar as causas originais dessa subordinação e trabalharam, recorrentemente, com uma série de categorias e conceitos fundamentais, sobretudo os de mulher, opressão e patriarcado. (PISCITELLI, 2009, p. 133)

Segundo Piscitelli (2009), foi durante esse período classificado por ondas que surgiram no ano de 1968 outras reivindicações, dessa vez partindo das mulheres negras dos Estados Unidos, uma vez que as reivindicações anteriores não contemplavam suas necessidades e não levavam em consideração as desigualdades que assolavam seus cotidianos. Até então, era um movimento que tinha como principal sujeito a mulher branca, de classe média.

É dentro desse contexto, que segundo Louro:

> Militantes feministas participantes do mundo acadêmico vão trazer para o interior das universidades e escolas questões que as mobilizavam, impregnando e "contaminando" o seu fazer intelectual — como estudiosas, docentes, pesquisadoras — com a paixão política. Surgem os estudos da mulher. (LOURO, 1997, p. 16)

Consequentemente, após longos anos de muitas lutas e reivindicações observa-se que as mulheres vêm conquistando esses espaços que foram construídos socialmente e, ao mesmo tempo, a elas negado, tornando-se protagonistas de suas próprias histórias. Desse modo, os papéis que antes eram tradicionalmente designados a essas mulheres como o ser mãe, cuidadora das (os) filhas (os), dona de casa e “boas” esposas, foram sendo questionados e desde então, outros espaços masculinizados foram e vêm sendo ocupados por elas, dentre eles ganha grande destaque a universidade:

> Tornar visível aquela que fora ocultada foi o grande objetivo das estudiosas feministas desses primeiros tempos. A segregação social e política a que as mulheres foram historicamente conduzidas tivera como consequência a sua

> ampla invisibilidade como sujeito — inclusive como sujeito da Ciência. (LOURO, 1997, p. 17)

Assim também:

> Este avanço teórico tem permitido não apenas a abertura de novos espaços discursivos, de novas fronteiras para reflexão e análise, mas também um repensar da "mulher" em novas bases. A perspectiva de gênero tem possibilitado a construção de uma epistemologia crítica feminista – um discurso feminista sobre a ciência e uma teoria crítica do conhecimento – que, se por um lado fundamenta as bases de um saber feminista, por outro, vem abrindo espaço para questionamentos e reavaliações até mesmo dos próprios fundamentos desse saber. (COSTA e SANDENBERG, 2002, p. 12)

Esta breve introdução teórica apresenta o tema que desejo pesquisar, que é fruto da minha trajetória enquanto jovem, mulher, da zona rural e universitária, tendo em vista que a Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira[1] (UNILAB) foi uma via de acesso para alcançar a tão sonhada aprovação em uma universidade pública. Em alguns momentos, pensei em voltar ao tema mais amplo Juventude Rural; aqui incluiria mulheres e homens da comunidade supracitada. Porém dos 22 jovens ingressantes nessa instituição, apenas quatro são homens, o que significa que mais da metade são mulheres. Essa presença feminina da Comunidade de São Bento na Unilab chamou a minha atenção e me levou a realizar esse recorte de gênero.

No entanto, o que vale ser pesquisado nesse trabalho não é mapear o número expressivo de universitários, pois mesmo que todos esses jovens estudantes da Unilab venham da zona rural e compartilhem a mesma realidade – que por vez é permeada por estereótipos –, essa não é a minha preocupação central. O objetivo deste trabalho é dar voz a nós mulheres que sempre fomos silenciadas e excluídas por longos anos de determinados espaços. Além disso, a nós foi reservado apenas um destino: a reprodução familiar e o ambiente doméstico. Não que a universidade necessariamente gere uma ruptura ou anule esses papeis tradicionalmente atribuídos à mulher, mas a formação superior possibilita novos rumos que

[1] A Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira está situada na cidade de Redenção – Ce, sendo o polo principal. A universidade está dividida em três campi: Auroras e Palmares no Ceará, Malês em São Francisco do Conde, Salvador, Bahia. A Unilab foi criada pelo ex-presidente Luís Inácio Lula da Silva, e segundo ele, a escolha se deu pelo fato da cidade Redenção ser a primeira a abolir a escravatura e nela se desejar construir a cooperação do Brasil com a Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP). Atualmente a universidade conta com 18 cursos de graduação, 9 especializações, em média 7 mestrados, mais de 5.822 de estudantes, mais 1.299 estudantes ativos na pós-graduação presencial e a distância. Somado a isso, a instituição conta com 2 bibliotecas, em média 45 laboratórios, 1 fazenda e com 96% de professores Doutores.

antes eram inalcançáveis. Nesse sentido, a universidade é um espaço que oferece o acesso ao conhecimento e que, de certa forma, contribui para a autonomia das jovens.

É importante realçar que essa autonomia vai além de uma independência financeira, ou seja, uma autonomia pensada a partir da ótica que Paulo Freire utiliza em seu livro "Pedagogia da autonomia: saberes necessários á práticas educativas" (FREIRE, 1996). O autor usa o termo autonomia como uma ferramenta pedagógica capaz de tornar a educação libertadora, isto é, a relação que é construída dentro das instituições básicas de ensino, por meio do ensinar e aprender possibilitando ao individuo uma ponte de acesso para a construção de seus próprios olhares e conhecimentos.

É dessa forma, que a universidade pode auxiliar essas jovens a se reconhecerem como capazes de falarem por si próprias, de agir, de pensar, de escolherem seus próprios desejos e transitarem por diversos espaços. Isso não significa dizer que outros ambientes não possibilitem essa aprendizagem capaz de contribuir para a construção e reconhecimento. Mas quando se cresce em uma sociedade patriarcal, machista, sexista e racista é necessário que se conquiste outros espaços que, por vezes, foram sempre masculinizados e para que dessa forma, possivelmente, se tente superar essas desigualdades e diferenciações de gênero.

Para compreender a origem dessas jovens, apresento brevemente a comunidade de São Bento. São Bento fica situado a 12 km do município de Redenção – CE e é composta por aproximadamente 420 habitantes. Em termos de infraestrutura, a comunidade não tem ruas asfaltadas e as estradas encontram-se em péssimas condições de tráfego. As religiões que predominam na comunidade são a protestante e a católica, porém mais da metade da população participa ativamente da igreja católica.

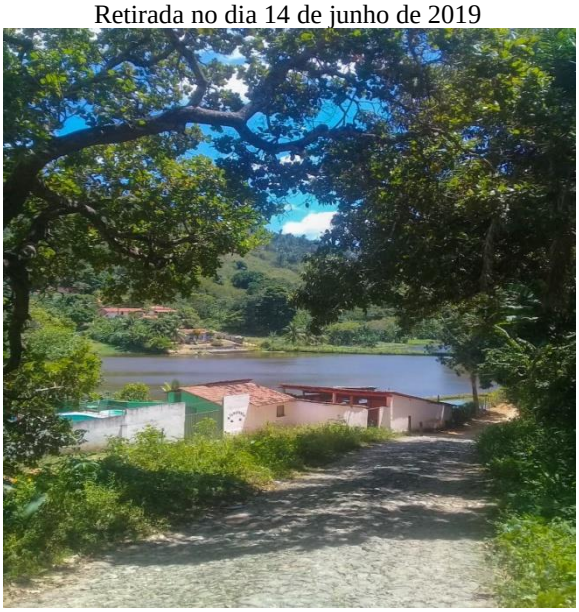
É importante frisar o papel solidário que a população desempenha dentro da comunidade, ou seja, em situações em que alguma família da localidade ou de serras vizinhas esteja precisando de ajuda financeira para compra de remédios, alimentos ou a realização de exames, é retirada uma quantia do dízimo e destinada a essa família. Embora a comunidade seja pequena, existe uma ajuda mútua entre os moradores, seja financeiramente ou com a doação de alimentos e até mesmo na construção de casas.

A localidade possui apenas uma escola, porém há anos encontra-se desativada e para estudar, os alunos precisam deslocar-se até a serra vizinha, conhecida como Manoel Dias que fica a 4 km de distância.

Somado a isso, a população sofre com questões relacionadas à saúde, devido à falta de uma unidade básica. O atendimento médico acontece somente uma vez por mês vez e é

realizado no espaço da igreja católica. Vale ressaltar que esse atendimento é apenas para verificação da pressão arterial e consultas básicas, ou seja, se os moradores necessitarem de uma consulta com o dentista precisam se deslocar até a serra de Manoel Dias. Já para realização de exames ou até mesmo consultas médicas precisam dirigir-se até o município de Redenção. Porém, a prefeitura municipal de Redenção não fornece transporte para a locomoção nessas situações. Com isso, os moradores utilizam os "carros da feira" ou em situações de emergência fretam transportes particulares.

Figura 1 – Foto da comunidade de São Bento
Retirada no dia 14 de junho de 2019



Fonte: Arquivos da autora.

Economicamente a comunidade está dividida entre a venda em mercearias, o trabalho doméstico e a pecuária em pequenas fazendas, além do trabalho na agricultura e o bordado. O dinheiro que ganham é pouco, só dá para custear os gastos básicos e essenciais da casa. Em algumas famílias, o dinheiro chega ser insuficiente. Devido à pouca quantia que ganham na agricultura, alguns agricultores fazem plantações no roçado, como arroz, feijão, fava, banana e milho para evitar os gastos com as compras desses alimentos. Já outros, levam esses alimentos para vender aos domingos na feira de Redenção.

Uma outra alternativa utilizada pelos agricultores para garantirem uma renda extra é a adesão de Programas Sociais como o *Agroamigo* e *Crediamigo*. Ambos promovem diferentes empréstimos a fim de proporcionar o crescimento de seus negócios. Com isso, muitos investem na criação de animais como porcos e galinhas, verduras e legumes para revenda.

É importante destacar que, por não conseguirem emprego em outros setores, as mulheres da comunidade produzem o bordado para garantirem o sustento da casa e da família. Além de ser uma atividade econômica, o bordado também faz parte da memória de cada bordadeira da localidade, pois antes era uma prática repassada de mãe para filha.

Infelizmente, com o passar dos anos, essa prática foi sendo deixada de lado pelas novas gerações, já que o dinheiro que ganham pelo trabalho artesanal é pouco. Ademais, programas sociais do governo nacional como a *Aposentadoria Rural* e o *Bolsa Família* são outros meios para assegurar a renda e sobrevivência dessa população.

Contudo, é importante ressaltar que, devido às escassas oportunidades de emprego na comunidade, atualmente alguns moradores – principalmente os homens pais de família – estão se deslocando para as cidades de Fortaleza e Maracanaú em busca de um salário melhor, trabalhando em construção civil e só retornam para suas casas aos finais de semana.

Descrita uma breve apresentação acerca do campo de pesquisa, descreverei aqui as etapas que irão compor esse estudo. Durante a pesquisa busca-se traçar um breve panorama sobre o processo de expansão e interiorização do ensino superior e procura-se investigar como os jovens lidam com o distanciamento dos familiares, as motivações que impulsionaram a ingressar na universidade, se houve uma mudança nos valores encontrados na universidade e os adquiridos em casa, os dilemas que enfrentam durante o curso, o que é esse universo da universidade ao mesmo tempo e que é um espaço libertador, também pode se tornar um espaço de aprisionamento. No caso das mulheres mães, casadas e/ou solteiras, as perguntas que procurei estabelecer foram em torno de como conciliam as responsabilidades da maternidade, da vida conjugal e das atividades da universidade, como lidam com o distanciamento da criança, como se vêm dentro da universidade sendo mulher e mãe.

Contudo, é impossível falar de mulheres camponesas e deixar de lado as questões relacionadas ao gênero no contexto no qual estão inseridas e suas múltiplas relações de hierarquização, como afirma Castro:

> [...] Ser jovem rural carrega o peso de uma posição hierárquica de submissão. Mas, ser "jovem rural" e mulher representa uma situação de "inferioridade" na hierarquia social ainda maior. As "jovens" vivenciam intenso controle social, dentro e fora da família (CASTRO, 2005, p. 246).

Nesse sentido, se ser jovem carrega uma hierarquização, ser jovem e mulher carrega o dobro. O destino da mulher é geralmente entendido e praticado como sendo apenas o espaço privado, ou seja, o espaço da casa. Além disso, existe uma forte autoridade paterna sobre a

jovem, um controle sobre suas tomadas de decisões enquanto esta estiver morando com os pais. Porém, essa autoridade, que é exercida sobre a vida dessas jovens, acontece não como uma forma de torna-las prisioneiras dentro do lar, mas como uma maneira de protegê-las e resguarda-las, evitando que as filhas sejam vítimas das *"*coisas mundanas"- termo utilizado pelos moradores para classificar um mundo que está sendo tomado por drogas, violências, prostituição, dentre outros.

Diante dessas pressões que são exercidas em torno das jovens, as perspectivas de futuro vão ganhando rumos diferentes das gerações anteriores. Por conseguinte, essa saída provoca a descontinuidade dos processos sucessórios, como os afazeres realizados pelas gerações anteriores, dentre eles o trabalho informal na agricultura, o trabalho doméstico exercido dentro de suas casas, ou até mesmo em casas particulares em que na maioria das situações, não são bem pagas financeiramente pelo trabalho exercido. Somado a isso, existem também outras dificuldades encontradas nesse ambiente, como a falta de acesso a saúde e ao lazer.

Vale ressaltar que, mesmo havendo uma autoridade paterna em relação à vida pessoal das filhas e suas decisões, quando se refere a saída dessas jovens para a universidade, não há um impedimento por parte da família. Pelo contrário, esse é um dos momentos mais importantes para os familiares, uma vez que, nunca tiveram a oportunidade de estudar, além de não terem condições de arcar com as despesas de uma universidade particular para seus filhos.

Como veremos adiante, para atingir os objetivos desse trabalho, a metodologia adotada será primeiramente a pesquisa de cunho bibliográfico, a fim de levantar conceitos e ideias pertinentes a essa temática. Em seguida, com uma abordagem qualitativa, outra técnica que contribuirá para o desenvolvimento dessa pesquisa, será a realização de entrevistas semi-estruturadas tendo como instrumento para a coleta de dados as narrativas de mulheres universitárias oriundas da comunidade de São Bento, com o perfil na faixa etária de até 26 anos de idade.

Em síntese são essas as questões que compõem esta pesquisa, tomando a mulher camponesa como objeto de estudo, destacando a importância do acesso à educação superior, suas motivações que fizeram ingressar na Unilab, suas perspectivas após concluírem o curso. Essas e outras questões farão parte desse trabalho, pois são inúmeras as mudanças e expectativas para essas jovens, uma vez que a universidade pode ser uma possibilidade de emancipação feminina.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Pesquisar sobre mulheres rurais no contexto da universidade ainda é um assunto recente e pouco pesquisado, o que dificulta o levantamento bibliográfico acerca do assunto. Infelizmente é perceptível a falta de interesse por parte dos pesquisadores em adentrar nesse universo e isso acontece por inúmeros fatores, um deles é destacado por Marques (2018, p. 16 *apud* VERAS e SPÓSITO) "a juventude rural feminina vem sendo cientificamente marginalizada em detrimento do estudo de jovens do sexo masculino e habitantes dos centros urbanos".

É preciso analisar os diversos conceitos para compreender esse universo feminino, rural e universitário que por vez é carregado por significados para essa população que está imersa em uma realidade com organização social própria.

Diante disso, é possível fazer um balanço geral dos fatores que impulsionavam a saída dos moradores de São Bento para a cidade há nove anos. Com a chegada da universidade em Redenção - CE correu uma mudança significativa nos motivos que influenciam essa migração. Antes, o que provocava a saída do campo era a busca por emprego, mas com a implantação da Unilab nessa região, a saída da comunidade passou a se dar em busca dos estudos, o que era inimaginável principalmente para a juventude. Assim destaca Marques (2018, p. 17) afirmando que:

> Devido as difíceis condições no campo, as mulheres são as que mais têm migrado, ou, ao menos buscado na educação uma estratégia de "fuga" para os dilemas enfrentados no campo, sejam eles de ordem econômica, moral ou simbólica.

Nesse sentido, percebemos que, para além da questão do desejo em ingressar no ensino superior, essas jovens visam nessa ida para universidade uma oportunidade em conquistar uma maior liberdade, de romper de certa forma com as reproduções da unidade familiar.

Para este trabalho, partimos do princípio de que, ao pensarmos a categoria juventude rural, estamos dando uma oportunidade de iniciar novos estudos a respeito dessa abordagem, uma vez que esses sujeitos encontram-se em um quadro de invisibilidade, seja do ponto de vista político e público ou da invisibilidade do ponto de vista público das pesquisas (SPOSITO, 2007). Além disso, Sposito (2007) também reconhece que não só os estudos sobre juventude rural são limitados e poucos, mas principalmente no que se referem à universidade,

as pesquisas sobre juventude rural nesse espaço ainda é um campo que se encontra em fase de consolidação.

Contudo, de acordo com os dados bibliográficos realizado pelo pesquisador Nilson Weisheimer intitulado "Juventudes rurais: mapa de estudos recentes" publicado no ano de 2005, o autor faz um levantamento acerca do conjunto de produções acadêmicas relacionadas às temáticas voltadas para a juventude rural entre os anos de 1990 a 2004. Dentre os trabalhos já publicados que estão voltados para essa linha de pesquisa estão Abramovay, 1998; Weisheimer, 2001; Vanda, 2002; Sales, 2003 e Castro, 2005 e 2009;)[2].

No entanto, vale salientar que embora esses assuntos venham ganhando notoriedade, mesmo que em pequena escala, ainda há muito para ser explorado nesse universo, haja vista que é preciso levar em conta sua heterogeneidade. Como afirmam Carneiro e Castro: "apesar de um aumento considerável no volume de estudos e ações, ainda hoje, a juventude rural ainda é pouco conhecida." (CARNEIRO e CASTRO, 2007, p. 182).

Em consonância com as autoras e com todo o mapeamento realizado para a construção deste trabalho, pode-se constatar que os estudos que ganham mais centralidade a respeito da juventude rural ainda estão voltados para o processo migratório para os grandes centros urbanos, como afirma Castro (2007):

> O "problema" vem sendo analisado através de dois vieses. Há certo consenso nas pesquisas quanto às dificuldades enfrentadas pelos jovens no campo, principalmente quanto a cesso a escola e trabalho [...] Outro viés tem como principal leitura a atração do jovem pelo meio urbano, ou ainda, pelo seu estilo de vida urbano (CASTRO, 2007, p. 189).

Como afirma a autora Castro que a problemática dessa juventude é analisada a partir de dois víeis, o que deixa de fora assuntos que possivelmente dessem conta de abarcar outras realidades vivenciadas por essa população. Como afirma também o autor Weisheimer:

> Quando os pesquisadores brasileiros voltam seu olhar para a especificidade dos jovens que vivem no meio rural, dois aspectos chamam a atenção: sua participação nas dinâmicas migratórias e a persistência da invisibilidade social dessa juventude. (WEISHEIMER, 2005, p. 4).

[2] Jovens de um rural brasileiro: socialização, educação e assistência (VANDA, 2002); Os jovens agricultores: trabalho e reprodução social na agricultura familiar (WEISHEIMER, 2001); Criações coletivas da juventude no campo político: um olhar sobre os assentamentos rurais do MST (SALES, 2003); (Entre ficar e sair: uma etnografia da construção social da categoria jovem rural (CASTRO, 2005); Juventude rural no Brasil: processos de exclusão e a construção de um ator político (CASTRO, 2009); Juventude e agricultura familiar: desafios dos novos padrões sucessórios (ABRAMOVAY, 1998) dentre outros.

Embora existam bases teóricas sobre essa dicotomia do “ficar” e “sair”, preferimos não nos limitar a essa divisão, pois partimos de um outro princípio da saída do campo para a cidade. Essa saída não ocorre pelos atrativos que esse território possa ofertar para os indivíduos, como o estilo de vida entre outros aspectos, mas pelo fato dessa migração estar conectada a inserção no ensino superior e consequentemente, buscar compreender os fatores que motivam essas jovens a ingressarem na universidade.

Partindo desses pressupostos, para compreender os motivos que fazem com que as jovens saiam do seu local de origem em busca dos seus sonhos, no caso, a universidade é preciso tomar o que se configura como “rural” e “juventude” como elementos da investigação.

Tendo em consideração as discussões acerca dos debates sobre o que já foi produzido e entendido por “juventude”, levantarei um breve resumo sobre essas definições que surgem durante a elaboração de produções científicas que estão voltadas para essa temática.

Bastos (2009) em sua tese de mestrado evidencia que existem diversas formas de viver a juventude. De acordo com a autora:

> O “ser jovem” varia de acordo com a classe, o gênero, a raça, o local de moradia [...] A juventude enquanto um conceito construído recebe significados diversos de sociedade para sociedade, no tempo e no espaço, não podendo, dessa forma, serem estabelecidos limites etários fixos para demarcar esse período de vida (BASTOS, 2009, p. 10).

Nesse sentido, levando em consideração o pensamento da autora entende-se que esse grupo social vivencia realidades diversas, ou seja, está inserido em um ambiente no qual estão expostos a problemas específicos, o que impede de determinar uma idade fixa para classificar esse período da juventude. O *determinismo biológico* usualmente utilizado para explicar que o comportamento do individuo ocorre biologicamente é desmistificado por Laraia em seu livro *Cultura: um conceito antropológico*. Laraia afirma que o ser humano é capaz de construir socialmente seus pensamentos, isto é, tudo é aprendido através da socialização. Além disso, os papeis que cada indivíduo desempenha variam de acordo com o meio em que está inserido. Um dos exemplos citados é o caso do resguardo após a maternidade com os índios Tupi, quem faz o resguardo é o pai. Assim, podemos fazer um paralelo com as percepções de juventude que podem ser construídas socialmente dentro de cada contexto social de significação e não considerando uma idade ou faixa etária específica.

Para Castro (2009), o conceito “juventude” está relacionado a substantivos e adjetivos como: “vanguarda”, “transformadora”, “questionadora”. Por outro lado, o jovem também é

adjetivado como: “em formação”, “inexperiente”, “comportamento desviante”. Nesse sentido, esses conceitos mostram que a categoria juventude é classificada e adjetivada a partir de várias características e o/a jovem é considerado/a ora como sujeito que ainda encontra-se em seu processo de aprendizagem, ora como sujeito na sua condição de transformador social.

Seguindo essa mesma linha de pensamento, Weisheimer (2005) define a juventude rural a partir de cinco abordagens: faixa etária; ciclo de vida; geração; cultura ou modo de vida e reprodução social.

Diante disso, como já mencionado anteriormente é possível perceber que, quando o debate envolve temas relacionados à juventude rural, existe uma complexidade em torno desse assunto. Porém, dentre o mapeamento realizado, será empregado posteriormente algum destes conceitos que consiga aproximar-se ao tema proposto com o intuito de aprofundar a pesquisa, como afirmam as autoras Troian e Breitenbach:

> Não existe apenas um conceito, nem mesmo uma única perspectiva sobre a juventude. Estabelecer referências acadêmicas para o que se entende por jovens, quem pode ser considerado jovem e que critérios são utilizados para identificar a juventude pode ser uma contribuição para a comunidade científica que estuda o tema (TROIAN e BREITENBACH, 2018, p. 790).

Diante das diversas formas de se pensar o que é ser jovem no contexto rural, é necessário também refletir sobre o que é esse espaço, qual a realidade em que essa juventude está posta. Por conseguinte, é preciso levantar discussões que conduzam ao entendimento sobre o meio rural.

Diante do que já foi exposto em relação ao pensamento dos autores sobre “juventude” é fundamental uma breve síntese do que passa a ser caracterizado como “rural” baseado em estudos anteriores, a fim de compreender e desmistificar as concepções que giram em torno desse espaço.

2.1 Definições sobre o rural

Diante das atribuições que servem para designar o “campo” é importante traçar um breve panorama do processo histórico que contribuiu para pensar essa categoria. De acordo com os estudos de Raymond Williams na obra intitulada *O campo e a cidade na história e na literatura (1973)* o autor discute o conceito do que é a “cidade” e o que é o “campo” tomando como pressuposto a literatura inglesa em meados dos séculos XVIII a XIX. Com isso,

Williams levanta a discussão para as associações que permeiam o ligado essas definições, que se solidificaram em Roma. Segundo o autor:

> O campo passou a ser associado a uma forma natural de vida – de paz, inocência e virtudes simples. Á cidade associou-se a ideia de centro de realizações – de saber, comunicações, luz. Também constelaram-se poderosas associações negativas: a cidade como lugar de barulho, mundanidade e ambição: o campo como lugar de atraso, ignorância e limitação. (WILLIAMS, 1973, p. 11)

O pensamento de Williams coloca-se como central para afirmar que esses dois polos não podem ser associados tão somente ao atraso/tranquilidade, evolução/barulho, mas sim espaços que são constantemente sujeitos a sofrerem constantes transformações e não somente a manter uma única definição. Entretanto, isso não anula as associações que são utilizadas para se pensar campo e cidade, como afirma:

> O campo e a cidade são realidades históricas em transformação tanto em si próprias quanto em suas inter-relações. Temos uma experiência social concreta não apenas do campo e da cidade, em suas formas mais singulares, como também de muitos tipos de organizações sociais e físicas intermediárias e novas. (WILLIAMS, 1973, p. 471)

É possível perceber que nos estudos sobre o campo, o que se designa por "rural" está sempre acompanhado do que se constitui por "urbano", ou seja, essa dicotomia é indissociável dentro das pesquisas. Para o autor Freire (2014):

> Nas abordagens clássicas, o rural tem sido classificado como o espaço da agricultura, em oposição ao urbano, tido como o espaço da indústria. Para além de ser o espaço da agricultura, as outras características atribuídas ao rural são: a relação direta dos seus habitantes com a natureza, a baixa densidade populacional e o interconhecimento entre os seus habitantes (FREIRE, 2014, p. 432).

Diante da linha de pensamento desses autores, o conceito "rural" era sempre utilizado por estudos clássicos como uma forma de ser subordinado a cidade. No decorrer dos anos, a partir da década de 1980 com:

> O surgimento da abordagem territorialista, que se consolidaria nas décadas seguintes, representa uma quebra de paradigma no estudo do rural. A mudança de abordagem não se resume à perceptiva econômica. Nota-se também que o processo de modernização da agricultura levou aos campos produtos e serviços antes considerados tipicamente urbanos. Isto não significa que o rural deixou de ser espaço da agricultura, mas que se torna

> um espaço multifuncional, marcado, sobretudo pela pluratividade (FREIRE, 2014, p. 434).

Segundo a autora Medeiros (2018):

> De uma maneira geral, as definições elaboradas sobre o campo e a cidade podem ser relacionadas a duas grandes abordagens: a dicotômica e a de continuum. Na primeira, o campo é pensado como meio social distinto que se opõe à cidade. Ou seja, a ênfase recai sobre as diferenças existentes entre estes espaços. Na segunda, defende-se que o avanço do processo de urbanização é responsável por mudanças significativas na sociedade em geral, atingindo também o espaço rural e aproximando-o da realidade urbana (MEDEIROS, 2015, p. 100).

Diante disso, é notório que as imagens associadas ao campo e suas caracterizações decorreram de períodos históricos distintos e de contextos diversos, mas que exercem influência nas definições até os dias de hoje. O campo ainda carrega vários estereótipos, o que se faz necessário novos estudos com a intenção em interpretar esse espaço como um universo com múltiplas especificidades. Estudos mais recentes relacionados a esses temas se tornaram interesses de autores brasileiros como Castro (2005) Maria José Carneiro (2007) e Ricardo Abramovay (2007).

2.2 A juventude e sua inserção na universidade

Para a juventude não é fácil permanecer na zona rural, uma vez que essa não oferta oportunidades sejam elas relacionadas aos estudos ou a área de emprego, o que ocasiona a saída do campo para a cidade em busca de melhores condições de vida, como afirma Brumer:

> Apesar do peso dos fatores estruturais, as decisões sobre a migração são tomadas por indivíduos, que variam na avaliação de fatores de atração ou de expulsão. Ademais, na decisão de migrar, provavelmente os fatores de expulsão são anteriores aos de atração, na medida em que os indivíduos fazem um balanço sobre a situação de vivida e a expectativa sobre a nova situação (BRUMER, 2007, p. 37).

Porém, segundo Brumer (2007) não significa que o desinteresse pelas atividades agrícolas ocorra pelo fato de haver uma visão negativa ou uma rejeição ao modo de vida que essas pessoas levam. O autor Patrick Champagne (1996) constatou em seus estudos os

motivos em não dar continuidade a essas atividades decorre por motivos do trabalho pesado e do pouco rendimento financeiro que arrecadam dentro da produção agrícola.

Por outro lado, o assunto se torna ainda mais complicado quando se trata das jovens mulheres da zona rural, pois envolve múltiplas questões dentre elas relacionadas a hierarquias e as diferenciações de gênero, como mostra Castro em uma pesquisa realizada num assentamento no Rio de Janeiro:

> [...] os rapazes envolvem-se nas atividades desenvolvidas pelos pais, seja na construção ou reforma da casa, seja nas tarefas agrícolas; enquanto que as moças se restringem ao apoio ás atividades desempenhadas pelas mães, predominantemente no espaço doméstico, que inclui os trabalhos da casa, cozinha, roupa [...] ao mesmo tempo, a família mantém um maior controle sobre as mulheres, principalmente sobre as jovens (CASTRO, 2007, p. 40).

Como dito anteriormente é necessário pensar a saída dessas jovens a partir de outro viés, o da universidade, uma vez que antes da entrada no ensino superior era perceptível que havia um controle dos pais sobre essas jovens, tendo em vista que algumas famílias da comunidade ainda conservam determinados preceitos religiosos e morais. Embora exista essa autoridade sobre as jovens, quando se refere à saída de casa em busca de estudos há um forte apoio dos pais em relação a essa escolha, uma vez que esse é o único meio de se alcançar um futuro melhor.

Partindo desses pressupostos, a educação aparece como elemento fundamental que possibilita a essa população melhores condições de vida. Porém, a educação no campo nem sempre esteve presente dentro desse contexto, é preciso levar em consideração que o ensino para essas camadas populares não se deu de maneira fácil e até a atualidade e ainda enfrentam algumas dificuldades.

Segundo informações coletadas na revista *Em aberto* organizada por Monica Molina e Juliana Freitas, a educação no campo iniciou-se a partir das lutas dos movimentos sociais camponeses que se articularam na luta pela garantia de seus direitos, dentre eles a educação e a partir dessas lutas, vários programas sociais foram implantados como políticas públicas específicas voltadas para essa população. Contudo, isso não significa que esses programas consigam dar conta em alcançar toda a população do campo, principalmente à educação básica no cenário brasileiro. Para alcançar o ensino superior a juventude oriunda da zona rural enfrenta inúmeras dificuldades se comparada as classes privilegiadas, como explica Marinho e Vale:

> A educação brasileira é desigualmente distribuída entre indivíduos de diferentes classes, de modo que quem tem mais, em termos de capital econômico, tende a receber mais educação do que os que nada ou pouco possuem, o que renova a desigualdade econômica, ao invés de diminuí-la ou eliminá-la. (MARINHO; VALE, 2017, p. 1)

Dentre os entraves encontrados durante a formação educacional para a população do campo estão relacionados a infraestrutura, as práticas curriculares pedagógicas, a atuação de professores que lecionam em áreas diferentes de sua formação, o transporte escolar, a falta de acesso a biblioteca, laboratórios de informática dentre outros.

Somado a isso, é muito comum em pequenas áreas rurais a desativação de escolas de ensino fundamental como salienta Hage:

> A existência de um número muito extenso de escolas, associada à dispersão de localização e ao atendimento reduzido do número de estudantes por instituição, tem levado os gestores públicos a adotar, como estratégia mais frequente, a política de nucleação dessas escolas vinculada ao transporte escolar, resultando no fechamento daquelas situadas nas pequenas comunidades rurais e na transferência dos estudantes para as localizadas em comunidades rurais mais populosas (sentido campo-campo) ou para a sede dos municípios (sentido campo-cidade). (Hage, 2009, p. 103)

Diante de todas essas dificuldades citadas acima em que a população do campo enfrenta para ter acesso a educação, é de suma importância enfatizar a conquista na universidade pública através da expansão e interiorização do ensino superior que contempla e possibilita a participação efetiva dessas camadas em espaços que antes somente a classe média poderia ocupar, como explica Bourdieu:

> Vê-se nas oportunidades de acesso ao ensino superior o resultado de uma seleção direta ou indireta que, ao longo da escolaridade, pesa com rigor sobre os sujeitos de diferentes classes sociais. Um jovem de camada superior tem oitenta vezes mais chances de entrar na universidade do que o filho de um assalariado agrícola e quarenta vezes mais que um filho de operário, e, suas chances são ainda, duas vezes superiores daquelas de um jovem de classe média (BOURDIEU, 1998, p. 41).

Porém, com a aplicação de políticas públicas voltadas para as camadas populares, inclusive para as que estão localizadas em regiões interioranas, o acesso a educação vem sofrendo modificações e beneficiando esses grupos.

O ensino superior vem passando por inúmeras transformações desde a década de 1990, principalmente a expansão e interiorização das universidades públicas. Esse processo iniciou-se em 2005 com o Programa Expandir, que foi divido em três etapas: expansão para o interior,

expansão com reestruturação e expansão com ênfase nas interfaces internacionais. Só na primeira etapa foram criadas dez universidades.

A ampliação da educação superior em regiões interioranas iniciou-se em 2007, com a implantação do Programa de Apoio aos Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI), que fazia parte da segunda etapa do Programa Expandir, consequentemente, essa democratização do ensino contribuiu para a acessibilidade das camadas populares nas universidades.

Nos anos de 2003 a 2014, época em que sucederam os governos do ex-presidente Luís Inácio Lula da Silva e o primeiro mandado da ex-presidenta Dilma Rousseff, foram criadas 18 universidades federais em várias regiões do Brasil. É importante salientar que dentre essas 18 instituições apenas duas estão localizadas em uma capital, as demais estão sediadas em regiões no interior dos Estados brasileiros e dentre elas, existem ainda duas universidades com o perfil de internacionalização Universidade Federal da Integração LatinoAmericana (UNILA) e a Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB).

Diante disso, pode-se observar que a criação dessas políticas públicas colabora com a possibilidade dos jovens rurais acessarem o ensino superior. É nesse sentido que Oliveira e Santos destacam que:

> A expansão e interiorização do Ensino Superior conquistadas na última década tem favorecido o acesso de sujeitos que antes estiveram à margem dele, visto que os campus universitários foram descentralizados dos grandes centros urbanos, para regiões em que o ensino superior nunca havia chegado, favorecendo, portanto, o acesso daqueles que, por diversos fatores, não poderiam se deslocar dos grandes centros urbanos (OLIVEIRA e SANTOS, 2017, p. 7).

É dentro desse contexto, que se instaura a UNILAB localizada no interior do Ceará e na Bahia. Essa universidade surge com duas premissas principais: a interiorização e internacionalização. Desse modo, a UNILAB busca a integração entre os países de língua portuguesa, favorecendo a cooperação do Brasil com os demais países da CPLP (Comunidade dos Países de Língua Portuguesa). Além disso, busca atender as necessidades do Maciço de Baturité, consequentemente é a partir da criação da Unilab que essas jovens encontram a oportunidade de cursar o ensino superior, uma vez que o acesso dessas mulheres na universidade demonstra que:

> Apesar de terem de enfrentar dificuldades geradas pelas próprias desvantagens de suas condições sociais, econômicas e culturais, as mulheres jovens têm em suas mãos novas ferramentas para moldar suas trajetórias, com possibilidades de um futuro diferente das mães e das avós (BARROS, 2004, p. 372).

O ingresso dessas mulheres no ensino superior causa grande impacto, seja no ambiente familiar ou social, contribui para uma possível superação do patriarcado, já que esse também se faz presente na zona rural. Além disso, a inserção na universidade possibilita o reconhecimento enquanto mulher protagonizadora de sua própria história, rompendo assim, com apenas um único destino provável: o espaço doméstico, a casa, os filhos.

Diante de tudo o que foi mencionado anteriormente, a inserção na universidade possibilita a essas jovens camponesas, a superação da dominação masculina fazendo com que se reconheçam enquanto agentes potencializadoras de grandes transformações, rompendo com os silenciamentos presentes na sociedade.

As dificuldades durante o percurso na universidade são constantes, principalmente para as jovens que são mães. A distância da família e dos filhos, a mudança na rotina, à mudança no comportamento e no pensamento, dentre muitos outros desafios que surgem durante a formação acadêmica. Enfim, ingressar no ensino superior nos últimos nove anos vem ganhando proporções relevantes para todos os moradores da comunidade de São Bento, o que torna evidente o papel fundamental, essencial e transformador que a educação é capaz de fazer para mudar a realidade de indivíduos que estão localizados em um meio que ainda é permeado por desigualdades se comparados a outras classes detentoras de privilégios.

3 OBJETIVOS

3.1 OBJETIVO GERAL

Mostrar as experiências e trajetórias de vida de mulheres camponesas por meio de suas narrativas durante a formação no ensino superior.

3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Investigar quais as motivações das jovens em ingressar na universidade e suas perspectivas após a conclusão do curso;
- Reconhecer a presença e atuação das mulheres do campo nos cursos de graduação;
- Apresentar a importância da universidade na construção de um sujeito acadêmico e problematizar os desafios durante o processo de formação.

4 JUSTIFICATIVA

O título “Do campo à universidade: trajetórias de jovens mulheres rurais no ensino superior”, que tem como interlocutoras as mulheres universitárias da comunidade de São Bento, tem despertado grande interesse diante da nossa participação dentro desse contexto.

A chegada da Unilab permitiu que jovens desta comunidade pudessem almejar um futuro para além do campo em virtude da ausência de oportunidades, o que desestimula os jovens a permanecerem nesse espaço. Esse dilema está atrelado a inúmeros fatores, dentre eles destacam-se as únicas atividades que são oferecidas as mulheres nesse contexto: o trabalho doméstico nas fazendas, na casa de professoras, vendendo roupas, produtos de beleza e bijuterias, na confecção de bordados e na agricultura, tais atividades acabam se tornando base precária e insuficiente para a juventude que sonha com uma condição financeira melhor.

Diante dessa realidade, sempre sonhei com algo diferente, pois via diariamente os esforços que os meus pais faziam para manter o sustento da casa e não me deixar faltar nada. Minha mãe não teve sequer a oportunidade de concluir o ensino fundamental, tendo em vista que na sua época a situação na comunidade era precária. O meu pai conseguiu concluir o que naquela época era conhecido como Segundo Grau. Atualmente minha mãe trabalha em uma fazenda, cuida de duas casas, fora os outros serviços, trabalha o dia inteiro e não ganha nem metade de um salário mínimo. O meu pai também trabalha na mesma fazenda e não é diferente da minha mãe, cuida da horta, do gado e de outros serviços. Porém, o dinheiro que ganha não equivale às horas que trabalha.

Logo, com a expansão e interiorização do ensino superior, precisamente a chegada da Unilab na cidade de Redenção, propiciou a realização desse sonho. Desse modo:

> A expansão e interiorização do Ensino superior conquistadas na última década tem favorecido o acesso de sujeitos que antes estiveram á margem dele, visto que os campi universitários foram descentralizados dos grandes centros urbanos, para regiões em que o Ensino Superior público nunca havia chegado, favorecendo, portanto, acesso daqueles que, por diversos fatores, não poderiam se deslocar aos grandes centros urbanos (COSTA e OLIVEIRA, 2017, p. 7).

Costa e Oliveira (2007) refletem sobre a importância da expansão do ensino superior, uma vez que possibilitou as camadas populares a terem direito ao acesso à educação. Contextualizando a reflexão dos autores com a realidade tratada neste trabalho, há exatamente sete anos atrás a possibilidade de estudar em uma universidade pública era nula, pois a única opção para cursar o ensino superior era deslocar-se para a cidade de Fortaleza, algo que para muitos era impossível. Haja vista que a única classe que podia cursar o ensino superior e

custear todos os gastos era a dita elite, nessa lógica, segundo (BOURDIEU, 1998 *apud* MARQUES 2018, p. 146) “A longevidade escolar (entendida aqui como chegada ao ensino superior) não é um caminho natural para as classes populares, como é para as elites da classe média”.

Nesse sentido, a implantação da Unilab no interior do Ceará foi fundamental, por ter oferecido a muitos jovens, principalmente os de pequenas localidades distantes dos grandes centros urbanos a ingressarem no ensino superior. Além de ser um instrumento que busca solucionar as necessidades do Maciço de Baturité e regiões vizinhas, já que muitas das localidades encontram-se em situação de pobreza e com escassas oportunidades no mercado de trabalho e nos estudos.

Vale ressaltar que a escolha em pesquisar esse tema também se deu pelo fato de que dentre as cincos serras vizinhas, a comunidade de São Bento é a única que tem com expressividade uma quantidade de jovens na Unilab o que desperta em mim muito orgulho, pois no cenário atual boa parte da juventude inclusive de regiões interioranas, prefere seguir outros caminhos como a criminalidade.

Após a implantação da Unilab, as perspectivas de vida da juventude de São Bento passaram a se tornar algo almejado pela maioria, isto é, o desejo em ingressar na universidade. Em 2012 chegaram os primeiros estudantes da comunidade no total de quatro alunos, desde então as aprovações na Unilab não pararam. Cada ingressante serve como inspiração para as novas gerações, com isso, atualmente as projeções para o futuro dos que cursam ainda o ensino fundamental e médio são as mesmas: a aprovação na Unilab. Se comparada com os demais jovens de outras localidades, o pensamento não é o mesmo, o que me entristece. Pois a juventude das serras vizinhas, não tem as mesmas perspectivas.

É importante destacar que atualmente na comunidade temos oito estudantes já formados, nos cursos de Bacharelado em Humanidades, Ciências Biológicas, Letras e Engenharia de Energias. Recentemente também a aluna já formada no /Bacharelado em Humanidades e estudante do curso de história, foi aprovada no Mestrado na UNILA.

Diante desses pressupostos, este estudo tem enquanto relevância acadêmica e social, o objetivo de dar voz as jovens mulheres universitárias com e sem filhas (os) da zona rural que ainda são pouco lembradas dentro de vários espaços, inclusive dos debates e produções do universo acadêmico. Assim sendo, busca-se ouvir atentamente suas narrativas, escutando seus desejos, sonhos, medos que vão ganhando espaço no percurso do curso. Além de compreender as motivações que impulsionam essas jovens a cursarem o ensino superior, os

desafios que encontram durante a formação, como é para elas se depararem com esse espaço novo.

Sabemos que as produções relacionadas à vida das mulheres nos espaços rurais ainda é limitada, por isso outro aspecto que considero relevante para essa pesquisa é mostrar como a educação é transformadora e contribui para o reconhecimento como sujeitos capazes de produzir conhecimento científico, como relata Silva (2009) em sua tese de mestrado, em que diz que a formação escolar é um dos caminhos capazes de estimular as ações vindas pelas mulheres e assim, uma forma de adquirirem reconhecimento como indivíduo ágil e pensante.

Além disso, levanta-se a discussão sobre o rompimento desse padrão de normalidade que é a sucessão familiar, visto que para algumas famílias o ingresso na universidade pode significar um afastamento do local de origem, dos ensinamentos e dos valores.

Diante disso, esse trabalho surge com o intuito de compreender as razões que levam essa juventude a sair de suas casas em busca do ensino superior, recortando as narrativas das mulheres camponesas no espaço acadêmico. Suas perspectivas, a importância da Unilab, os desafios que surgem durante o curso farão parte dessa pesquisa, dentre outra questões que já foram mencionadas anteriormente. Essas questões surgem da necessidade de pesquisar um tema que ainda é pouco explorado, dando visibilidade a essas mulheres oriundas da zona rural que enxergam a universidade para além da produção científica, um espaço que propicia sua emancipação e autonomia uma vez que também rompem um destino possível vindos das gerações anteriores: as atividades domésticas e a produção agrícola.

Nesse sentido a Unilab representa para essas jovens uma grande conquista, tendo em vista as condições em que estavam inseridas. Essas jovens veem na universidade uma forma de conseguirem alcançar uma boa vida profissional já que seus pais não tiveram as mesmas chances, o que significa que dar continuidade nos estudos é algo recente uma vez que as gerações anteriores como a de seus pais não tinham condições e não podiam usufruir dessas mesmas oportunidades.

5 METODOLOGIA

O estudo proposto caracteriza-se como uma pesquisa de natureza qualitativa com cunho exploratório realizado para a elaboração deste projeto. Somado a isso, com o intuito de levantar conceitos e conhecimentos prévios acerca do assunto, sucederá também a pesquisa de caráter teórico-bibliográfica.

Para obter os dados necessários para a investigação o estudo será desenvolvido a partir da pesquisa bibliográfica, como caracteriza Fonseca (2002 *apud* TOLFO e PEIXOTO, 2009, p. 37)

> A pesquisa bibliográfica é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites. Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto. Existem, porém pesquisas científicas que se baseiam unicamente na pesquisa bibliográfica, procurando referências teóricas publicadas com o objetivo de recolher informações ou conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta.

Nesse sentido, a pesquisa bibliográfica surge com o intuito de fazer um levantamento acerca das fontes teóricas disponíveis que busca entender a inserção de mulheres da zona rural no ensino superior, as mudanças que ocorrem em suas vidas, as dificuldades na qual estão sujeitas a sofrerem durante o percurso na universidade, dentro desse contexto a pesquisa baseia-se nas perspectivas dos autores Araújo (2014); Castro (2005); Marques (2018); Silva (2009); Tavares (2017).

É de suma importância o método bibliográfico para a preparação das leituras e, por conseguinte, a construção do projeto. Para Beaud e Weber (2007), no livro “Guia para a Pesquisa de Campo”, deve-se primeiramente aperfeiçoar-se com diferentes leituras e adquirir por menor que sejam conhecimentos prévios a respeito do assunto para facilitar sua familiarização com o campo investigado. Desse modo, segundo Beaud e Weber (2007)

> [...] O pesquisador deve preparar sua futura partida para o campo; deve montar uma bibliografia adequada a seu objeto e a seu “campo”; deve ler artigos ou livros de sociologia, de antropologia e, também, de história e geografia, de ciência política; ler relatórios de pesquisa, assistir documentários não lançados (se existirem); elaborar fichas e organizar o que vai levar para o campo e etc (BEAUD e WEBER, 2014, p. 44)

Toda a bibliografia pesquisada antes de adentrar ao universo da pesquisa, possibilita ao pesquisador de acordo com Beaud e Weber:

> [...] Que coloque em si suas primeiras questões, ou mais exatamente, que faça novas questões para compreender uma realidade social, ela mesma em mutação. Aprenderá á medida que avança que a pesquisa consiste, essencialmente, em propor boas questões (BEAUD e WEBER, 2007, p. 45).

A pesquisa bibliográfica permite colher referências que possibilitam ao pesquisador a absorção de novos conhecimentos, o desenvolvimento do tema proposto, além de evitar situações desconfortáveis tanto para o investigador como para o investigado, pois segundo Beaud e Weber:

> [...] É preciso saber que, se você chegar "sem ideias" ao campo, sem ideias extraídas de usa leituras sobre o seu tema você acaba chegando, de fato, com suas ideias "só suas", com suas pré-noções, seus preconceitos sociais, isto é, com muitas ideias falsas cheias de etnocentrismo a respeito do meio pesquisado e sobre os próprios pesquisados (BEAUD e WEBER, 2007, p. 47).

Somado a isso, outro método que foi utilizado para a elaboração deste projeto foi a pesquisa de cunho exploratório. Em consonância com (ZIKMUND, 2000 *apud* OLIVEIRA, 2001, p. 21) os estudos exploratórios:

> [...] geralmente, são úteis para diagnosticar situações, explorar alternativas ou descobrir novas ideias. Esses trabalhos são conduzidos durante o estágio inicial de um processo de pesquisa mais amplo, em que se procura esclarecer e definir a natureza de um problema e gerar mais informações que possam ser adquiridas para a realização de futuras pesquisas conclusivas.

Diante disso, é possível notar que o método da pesquisa exploratória possibilita ao pesquisador investigar um universo que ainda é pouco estudado a fim de evidenciar com maior clareza o problema pesquisado e em seguida, contribuir como base para a elaboração de futuros trabalhos.

Partindo desses pressupostos, esse trabalho caracteriza-se como uma pesquisa de abordagem qualitativa com a finalidade de compreender os elementos voltados para as trajetórias no ensino superior das interlocutoras, a fim de coletar informações que expliquem a realidade pesquisada, como explica (DALFOVO; LANA e SILVEIRA, 2008, p. 6):

> A pesquisa qualitativa, por sua vez, descreve a complexidade de determinado problema, sendo necessário compreender e classificar os processos dinâmicos vividos nos grupos, contribuir no processo de mudança, possibilitando o entendimento das mais variadas particularidades dos indivíduos.

Portanto, para alcançar os objetivos dentro de uma perspectiva qualitativa optamos como técnica as entrevistas semi-estruturadas partindo da análise das trajetórias de vida de cada entrevistada. A escolha por ouvir as narrativas dessas jovens, mulheres, universitárias, da zona rural também reflete na minha participação ativa dentro desse contexto. Com essa escolha percebemos que poderíamos valoriza-las e darmos a oportunidade de falarem por si próprias.

5.1 Estudo exploratório

Diante disso, foi realizado um estudo preliminar com as interlocutoras com o objetivo de coletar informações que pudessem contribuir para este projeto. Com isso, utilizou-se um estudo exploratório para ampliar o conhecimento sobre o espaço social escolhido e contribuir para a qualificação deste projeto e seu desenvolvimento futuro.

As entrevistas aconteceram em dias alternados a partir da disponibilidade de cada entrevistada, tendo em vista que todas passam a semana em Redenção e só retornam para a casa de seus familiares aos sábados. Foram realizadas quatro entrevistas entre os meses de março e julho com jovens mulheres com e sem filhos na faixa etária de 20 a 26 anos de idade, oriundas da localidade de São Bento.

Conforme afirma (Minayo 1994 *apud* ARAÚJO, 2014, p 24) em sua tese de mestrado, "o método qualitativo enfoca um mundo de significados, de ações e relações humanas, nelas a fala passa a ser reveladora de valores e símbolos como representações de determinadas condições históricas e sociais." Em consonância com Chizziotti (2003):

> O termo qualitativo implica uma partilha densa com pessoas, fatos e locais que constituem objetos de pesquisa, para extrair desse convívio os significados visíveis e latentes que somente são perceptíveis a uma atenção sensível e, após este tirocínio, o autor interpreta e traduz em um texto, zelosamente escrito, com perspicácia e competência cientificas os significados patentes ou ocultos do seu objeto de pesquisa (CHIZZOTTI, 2003, p. 223).

Diante disso, a escolha por essa abordagem qualitativa nos possibilita a refletir que a partir dessa pesquisa, poderia evidenciar a realidade em que essas mulheres estão inseridas, dentro de um contexto ainda pouco pesquisado. Por conseguinte, a pesquisa coloca como centro principal o protagonismo feminino e suas trajetórias dentro do contexto da universidade. Como caracteriza Bourdieu no capítulo de seu livro intitulado a "A ilusão

bibliográfica" que destaca a importância em falar sobre histórias de vidas, enfatizando que esta é indissociável do conjunto de fatos de uma realidade individual que geram histórias e, por conseguinte, o relato dessa história:

> É um caminho que percorremos e que deve ser percorrido, um trajeto, uma corrida, um *cursus*, uma passagem, uma viagem, um percurso orientado, um deslocamento linear, unidirecional (a "mobilidade"), que tem um começo ("uma estreia na vida"), etapas e um fim, no duplo sentido, de término e de finalidade ("ele fará seu caminho significa ele terá êxito, fará uma bela carreira"), um fim da história (BOURDIEU, 1986, p. 183).

Dessa forma, ouvir as histórias dessas mulheres na universidade me faz refletir sobre como o espaço acadêmico pode mudar significativamente o modo de vida desses sujeitos, como diz Silvana Nascimento em sua tese de mestrado intitulada: Faculdades femininas e saberes rurais: uma etnografia sobre gênero e sociabilidade no interior de Góiais:

> A convivência universitária [...] permitiu á aprendizagem da liberdade de expressão para fora do universo conhecido da vizinhança, do parentesco e da comunidade religiosa, no qual já havia um lugar social para elas [...] Ao mesmo tempo ainda que o número de mulheres que possa realizar o sonho de obter um diploma e fazer uma faculdade seja pequeno, desenvolve-se uma fase embrionária de mudança que ainda não tem direção certa, mas caminha a passos lentos e largos (NASCIMENTO, 2008, p. 156).

Assim sendo, as entrevistas realizadas com essas interlocutoras enaltecem as vozes dessa juventude rural feminina que por muito tempo foi esquecida sejam das produções cientificas ou de outros espaços que compõem a sociedade, partindo da escuta das trajetórias de vida de quatro mulheres.

O uso das entrevistas qualitativas facilita a compreensão da realidade em que os sujeitos entrevistados e os diversos grupos que compõem a sociedade estão inseridos, nesse sentido:

> Poderá ser um fim em si mesmo o fornecimento de uma "descrição detalhada" de um meio social específico; pode também ser empregada como uma base para construir um referencial para pesquisas futuras e fornecer dados para testar expectativas e hipóteses desenvolvidas fora de uma perspectiva teórica específica (BAUER e GASKELL, 2002, p. 65).

Por fim, vale ressaltar que durante a realização das entrevistas foi distribuído um termo de consentimento livre e esclarecido para cada uma das entrevistadas. Nele havia escrito a permissão para fazer o registro por meios de gravações e em seguida, apresentar

posteriormente os resultados da pesquisa, mantendo o sigilo quanto à identificação de cada interlocutora, adotando nomes fictícios para cada uma delas.

Como um estudo preliminar realizado para a elaboração deste projeto, encontramos alguns temas que poderão ser desenvolvidos futuramente dentre eles: como se dão as relações patriarcais no contexto camponês; as violências sejam elas físicas ou psíquicas cometidas pelo companheiro e que são silenciadas, a universidade pode ser uma via de acesso para romper com o que Faleiro e Farias (2017) caracterizam como a *"*cultura do silêncio"; a ruptura na agricultura familiar; o protagonismo das camponesas dentro de um universo em que a dominação masculina exerce forte controle; o reconhecimento em ser mulher feminista sem se enquadrar no que é posto pela sociedade; descobrir o motivo pelo qual dentre as seis serras, a comunidade de São bento ser a única em que contem o maior número de jovens na Unilab, dentre outros vários possíveis temas.

Nas entrevistas realizadas com as jovens universitárias, analisamos as falas de cada uma levando em consideração suas subjetividades e os diferentes significados atribuídos à universidade. Varias experiências e histórias do que eram antes de ingressarem no ensino superior e após iniciarem suas vidas acadêmicas, os gostos, as opiniões, questionamentos fazem parte das modificações vivenciadas por essas jovens que permitem a esses sujeitos serem criadores de suas próprias biografias.

A entrada na universidade modificou o destino dessas mulheres; às gerações anteriores cabia à reprodução familiar, o casamento e consequentemente ser mãe. Hoje se pode afirmar que isso passa a ser uma escolha e não mais uma "obrigação". Além disso, o contato com esse mundo na maioria da realidade das jovens é o primeiro contato com o universo para além do ambiente familiar e da comunidade em que residem.

Somado a isso, percebemos a vontade que essas jovens têm de contribuir de alguma forma para melhorar a realidade da comunidade de São Bento. É nítida também a reflexão que essas levantaram após iniciarem o curso no que diz respeito a preconceitos que tinham sobre religiões e até mesmo por pessoas LGBT's+.

Os moradores de São Bento consideram os universitários como pessoas de grande referência para a comunidade, quando algum parente ou visitante pergunta pelos pais de algum estudante a primeira fala é a seguinte: "a filha da Maria, estuda na Unilab. Vai já ser doutora." Essas pessoas se orgulham justamente pelo fato da localidade não oferecer oportunidades e enxergam nos estudos à única maneira de conseguirem viverem bem.

As mudanças no vocabulário, nos hábitos também fazem parte do relato dessas jovens. Além disso, a universidade também desconstrói e encoraja a essas mulheres a se aceitarem

como são. Um exemplo é a questão do cabelo. Uma das entrevistadas menciona que durante todo o tempo em que residiu na comunidade, deixava seus cabelos presos porque tinha vergonha. Mesmo após ingressar na Unilab, passou vários dias sem ter coragem de assumir sua identidade. Porém, com o decorrer dos debates em sala de aula e em outros espaços tomou coragem e conseguiu aceitar seu cabelo.

Para as jovens mães, as dificuldades são ainda maiores. Lidar com o distanciamento da família inclusive do filho é bem desafiador. Um dos maiores desafios é a separação com relação à questão da amamentação, o cuidado se fizeram presentes nas falas. Outro desafio está relacionado com a educação da criança, uma das mães mencionou que o fato de seu filho ser criado por outra pessoa, mesmo que essa seja um membro da família, a deixa um pouco triste. Tendo em vista que ele não vai ser educado da forma que ela desejava, mas que também não pode exigir, pois ter alguém que cuide enquanto ela estuda, já é de grande ajuda.

A universidade não oferta uma infraestrutura adequada para mulheres universitárias mães, nesse sentido ainda há muito que se mudar. Quanto ao apoio institucional, os professores não impedem a presença das crianças durante a aula deixando a critério das mães levarem ou não os filhos.

Tanto para as jovens com e sem filhos, as falas foram semelhantes em algumas questões, principalmente na dificuldade nos primeiros dias de aula, enfrentar a distância dos familiares, morar com pessoas desconhecidas, se tornar “independente” afetou a rotina dessas jovens. Outra fala comum entre todas, foi o a grande importância da Unilab em suas vidas, inclusive na mudança de pensamentos e na absorção de novos conhecimentos, além de terem se tornado um pouco mais independente e agora poderem tomar suas próprias decisões e circularem por outros espaços além do ambiente familiar e da vizinhança.

Por fim, não obtivemos êxito no início da primeira entrevista. Talvez isso se tenha dado por ser muito próxima da entrevistada, ela ficou muito tímida e com medo do que iria lhe perguntar. Porém, com o decorrer da conversa fui tentando deixar a entrevistada confortável e dialogando até que ela se sentisse segura. Entrevistar essas mulheres me fez refletir sobre o meu papel enquanto mulher, universitária e pesquisadora.

Procurei durante a realização desse projeto evidenciar como a educação pode ser uma ferramenta capaz de transformar vidas de pessoas que encontram-se em situações socioeconômicas desprivilegiadas e como esta é capaz de possibilitar aos indivíduos, no caso, as mulheres a valorização de seus saberes enquanto produtoras de conhecimento. A implantação da Unilab possibilitou outras oportunidades a essas jovens, levando em

consideração que antes do ingresso no ensino superior o futuro seria possivelmente apenas o espaço da reprodução familiar, o que para gerações anteriores era algo corriqueiro.

Confesso que durante a construção do projeto foi um pouco complicado me posicionar como uma pesquisadora, haja vista minha participação dentro do campo pesquisado e a relação de amizade com as interlocutoras. Poderia ter escrito mais e não ter limitado a pesquisa somente no que já havia sido produzido, porém esses foram apenas os primeiros passos de um longo percurso que está por vir.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi através da inserção na UNILAB que as jovens da comunidade de São Bento passaram a se reconhecerem como sujeitos capazes de protagonizar suas próprias trajetórias e ocupar outros papéis sociais, agora como universitárias. Nesse sentido, é possível perceber como a educação é emancipatória, uma vez que possibilitou a essas jovens um conhecimento mais ampliado sobre diferentes assuntos, e as fez se reconhecer como capazes de transformar suas realidades.

A realização deste projeto de pesquisa permitiu adentrar em um universo de jovens da zona rural que vencem diariamente essa situação de inferioridade, diante de uma sociedade ainda sim muito machista, sexista e patriarcal pelo fato de serem mulheres e em alguns casos, esposas e mães que saem de suas casas em busca dos seus sonhos, nesse caso: o estudo.

Essas jovens interlocutoras são as primeiras a conquistarem suas vagas em uma universidade pública, o que é motivo de orgulho para seus familiares. Adentrar na universidade possibilita participar de um mundo até então desconhecido, cheio de descobertas.

Diante disso, nosso objetivo foi compreender e expor os fatores motivadores quanto o ingresso na universidade, às dificuldades encontradas, as mudanças no cotidiano, no pensamento. Além de dar vozes a essas mulheres que são capazes de conquistarem o que desejarem que são as próprias agentes de transformação dentro da sociedade, valorizando o seu papel para além do que é posto para essa categoria.

CRONOGRAMA

ATIVIDADE	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
Orientação	**X**	**X**	**X**		**X**	**X**	**X**	**X**
Roteiro					**X**			
Levantamento bibliográfico	**X**		**X**	**X**	**X**			
Análise bibliográfica		**X**	**X**		**X**	**X**	**X**	
Construção do projeto					**X**			
Realização das entrevistas			**X**	**X**		**X**	**X**	
Revisão do trabalho							**X**	
Entrega do trabalho								**X**

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Vanda Almeida da Cunha. *Os sentidos da escolarização para mulheres no rural de Feira de Santana/Bahia: narrativas de trajetórias e sonhos de mulheres da EJA.* Mestrado (dissertação) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2014.

BARROS, Myriam Moraes Lins de. **Do "mundinho" fechado ao universo quase infinito:** negociando a saída de casa**.** *CADERNO CRH,* Salvador, v. 17, n. 42, p. 365-373, Set./Dez. 2004.

BASTOS, Priscila da Cunha. *Entre o quilombo e a cidade: trajetórias de individuação de jovens mulheres negras*. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal Fluminense, Faculdade de Educação, 2009.

BAUER, Martin W; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto:** imagem e som: um manual prático. Tradução de Pedrinho A. Guareschi.- Petrópolis, RJ : Vozes, 2002.

BEAUD, Stéphane; Weber Florence. **Guia para a pesquisa de campo:** produzir e analisar dados etnográficos. Editora Vozes, Petrópolis, 2ª edição, 2007.

BOURDIEU, Pierre. **A ilusão biográfica**. Pesquisa em Ciências Sociais (62/ 63):69-72, junho 1986.

BOURDIEU, Pierre. Futuro de classe e causalidade do provável. In: NOGUEIRA, M. A.; CANTINA, A. (Org.) Escritos de Educação. 3ª Ed. Petropólis: Vozes, 1998.

Dados quantitativos - DRCA. Disponível em http://www.unilab.edu.br/?s=dados+quantitativos&submit=Pesquisa, acesso em: 16 de abr. 2019.

BREITENBACH, Raquel; Troian, Alessandra. Jovens e juventudes em estudos rurais do Brasil. Interações (Campo Grande), Campo Grande, vol.19 no.4, Oct./Dec. 2018.

BRUMER, Anita. **A problemática dos jovens na pós-modernidade.** IN: CASTRO, Elisa Guaraná de; CARNEIRO, Maria José. Juventude rural em perspectiva. Rio de Janeiro: Mauad editora LTDA X, 2007.

CARNEIRO, Maria José. Juventude e novas mentalidades no Cenário Rural. IN: CASTRO, Elisa Guaraná de; CARNEIRO, Maria José. **Juventude rural em perspectiva.** Rio de Janeiro: Mauad editora LTDA X, 2007.

CASTRO, Elisa Guaraná de. *Entre ficar e sair: uma etnografia para a construção social da categoria jovem rural.* Tese de Doutorado em Antropologia Social, Rio de Janeiro: PPGAS/MN/UFRJ, 2005.

_____, Elisa Guaraná de; CARNEIRO, Maria José. **Juventude rural em perspectiva.** Rio de Janeiro: Mauad editora LTDA X, 2007.

_____, Elisa Guaraná de. Juventude rural no Brasil: processos de exclusão e a construção de um ator político. *Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud*. Vol. 7 no. 1, ene-jun, 2009.

_____, Juventude rural no Brasil: processos de exclusão e a construção de um ator político. *Revista Lationoamericana de Ciências Sociais, Niñes e Juventud*, Colômbia, v. 1, n. 7, p. 179-208, 2009.

CHIZZOTTI, Antônio. Pesquisa Qualitativa em Ciências Sociais e Humanas - Evoluções e Desafios. *Revista Portuguesa de Educação*, ano/vol. 16, n 002, Universidade do Minho, Braga, Portugal, pp 221-236, 2003.

COSTA, Caliane dos Santos da Conceição; OLIVEIRA, Luiz Paulo Jesus de. Juventudes Rurais e a Interiorização do Ensino Superior. In: I Encontro Internacional de Cultura, Linguagens e Tecnologias do Recôncavo, Santo Amaro, BA, 2017.

DALFOVO, Michael Samir; LANA, Rogério Adilson; SILVEIRA, Amélia. Métodos quantitativos e qualitativos: um resgate teórico. *Revista Interdisciplinar Científica Aplicada*, Blumenau, v.2, n.4, p.0113, Sem II. 2008.

FONSECA, J. J. S. Metodologia da pesquisa científica. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila. In: ENGEL, Tatiana Gerhardt; TOLFO Denise Silveira. Métodos de Pesquisa. Editora UFRGS, 1ª edição, 2009.

FALEIRO, Wender; FARIAS, Magno Nunes. Inclusão de mulheres camponesas na universidade: entre sonhos, desafios e lutas. *Educ. Pesqui.* São Paulo, v.43, n. 3, p.833-846, jul/set., 2017.

FREIRE, João Rodrigues. O rural e o urbano no Brasil: uma proposta de metodologia de classificação dos municípios**.** Análise Social, 211, xlix (2.º), 2014, 430-456.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 7. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

HAGE, Salomão Mufarrej. Por uma escola do campo de qualidade social: transgredindo o paradigma (multi)seriado de ensino. In: Educação no Campo. (Org) ABREU, Helana CÉLIA de Freitas; MOLINA, Mônica Castagna. *Em Aberto*, Brasília, v. 24, n. 85, p. 1-177, abr. 2011.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura**: um conceito antropológico. 14.ed. Rio de janeiro: Jorge "Zahar Ed, 2001.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**. Uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

MARINHO, Luciana Gomes; VALE, Patricia Nogueira do. Uma análise comparativa entre educação do campo x educação urbana. VIII Jornada Internacional de Políticas Públicas, 2017.

MARQUES, José Ricardo Braga. *Trajetórias tecidas entre as luzes entre as luzes da cidade e as veredas do sertão: jovens mulheres rurais, ensino superior e projetos de vida*. Natal/RN: UFRN, fev. 2018. Dissertação Mestrado. Programa de Pós-Graduação em antropologia Social. Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN, Natal, 2018.

MEDEIROS, Marta Inês Marques. O conceito de espaço rural em questão. IN: Associação dos geógrafos brasileiros. SPÓSITO, Eliseu Savério. Terra Livre, São Paulo, vol. 2, 2018.

NASCIMENTO, Silvana de Souza. Faculdades femininas e saberes rurais: uma etnografia sobre gênero e sociabilidade no interior. São Paulo: Serviço de Comunicação SOCIAL. FFLCH/USP, 2008.

OLIVEIRA, Maxwell Ferreira de. Metodologia científica: um manual para a realização de pesquisas em administração. Catalão: UFG, 2011.

PISCITELLI, Adriana**. Gênero:** história de um conceito. In: SZWAKo, J.E.;ALMEIDA, Heloisa Buarque de. (orgs.). Diferentças, igualdade. Coleção Sociedade em foco: introdução às ciências sociais. São Paulo: Beriendis $ Vertecchia, 2009.

SARDENBERG, Cecília. Da crítica feminista à ciência a uma ciência feminista. In: SARDENBERG, C.; COSTA, (orgs.). Feminismo, ciência e tecnologia. Salvador: REDOR/NEIM - FFCH/UFBA, 2002.

SILVA, Denise Batista. *Do Assentamento à Universidade: a mulher camponesa no Ensino Superior*. São Cristovão, Ago. 2009. Dissertação de Mestrado. Núcleo de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal de Sergipe.

SPOSITO, Marilia. Terceira Sessão: balanços e perspectivas. CASTRO, Elisa Guaraná de; CARNEIRO, Maria José. **Juventude rural em perspectiva**. Rio de Janeiro: Mauad editora LTDA X, 2007.

TAVARES, Lívia Froes. Da roça a Universidade: trajetórias de mulheres no curso de Licenciatura em Educação no Campo da UFMG. In: 13º Mundo de Mulheres & Fazendo Gênero 11. Florianópolis, 2017.

WEISHEIMER, Nilson. Juventudes rurais: mapas de estudos recentes**.** Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário/NEAD, 2005.

WILLIAMS, Raymond. O campo e a cidade: na história e na literatura. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

APÊNDICE

ROTEIRO DE ENTREVISTA

Data: _____

Local (Cidade e local específico): _____

Entrevistada: _____

Idade: ____

Formação:_____

Profissão:_____

Estado Civil:_____

Filhas (os):_____

1. Quais suas motivações quanto o ingresso na universidade?

2. Qual a importância da Unilab para você?

3. Como foi ter que lidar com a distância da família?

4. Você vê alguma diferença entre os valores encontrados na universidade e os valores adquiridos no ambiente familiar? Quais?

5. Quais os desafios/oportunidades encontrados durante o curso? Tem algum exemplo? Alguma situação que considera importante para a minha pesquisa, que busca localizar as mulheres no contexto da universidade?

6. (para mães) Quantos anos têm os/as filhos/as? Como <u>mãe</u>, como é conciliar a maternidade e a universidade?

a. Ele vai para a universidade? Ele fica com alguém em casa? Isso é difícil para você? Como é o convívio do/a filho/a na sala/docentes/colegas, se for o caso?

7. Como <u>estudante</u>, em que medida as necessidades do/a seu/sua filho/a podem ser conciliadas com as atividades do aprendizado?

a. Teve Licença? Como é o cotidiano? Tem saudades do filho quando está longe?

8. Como <u>membro</u> da comunidade acadêmica da Unilab, como vê o apoio institucional oferecido pela universidade para estudantes que são mães?

a. Teve apoio com recursos? Teve apoio psicológico?

9. Quais suas perspectivas após a conclusão do ensino superior?

a. Com o quê gostaria de trabalhar? Onde se vê trabalhando? Que habilidades são seu forte?

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezada estudante,

Esta pesquisa é sobre Trajetórias de Jovens Mulheres Rurais Durante a Formação no Ensino Superior e está sendo desenvolvida por _____-_____, aluna do Curso de Bacharelado em Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, sob a orientação da professora Drª._____.

Solicitamos a sua colaboração para a pesquisa, como também sua autorização para registrar por meio de gravações a entrevista e apresentar os resultados desta no meu trabalho de conclusão de curso e possivelmente, em estudos posteriores. Em virtude da publicação dos resultados, seu nome será mantido em sigilo.

O objetivo da entrevista é coletar as falas de cada entrevistada a fim de obter dados que forneçam e colaborem com a construção do projeto e consiga mostrar o papel que a universidade desempenha na vida de jovens mulheres rurais tanto profissionalmente como socialmente.

Esclarecemos que sua participação no estudo é voluntária isto é, a senhora não é obrigada a fornecer informações que considerem comprometedoras, além de ter a livre escolha (assim deseje) para continuar ou não a entrevista durante a realização desta. A pesquisadora estará a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa.

Diante do exposto, declaro que fui devidamente esclarecida e dou o meu consentimento para participar da pesquisa e para publicação dos resultados.

_____

Assinatura da Participante da Pesquisa

_____

Assinatura da Pesquisadora Responsável